

DO LUSCO-FUSCO REFORMISTA AO CLARÃO DA AMÉRICA REVOLUCIONÁRIA

Hoje, o arco da política energética está polarizado em Pinguelli Rosa, do PT, que defende uma espécie de reformismo fóssil (petróleo, carvão mineral, com ênfase na hidreletricidade), e J.W. Bautista Vidal e Marcelo Guimarães, os principais representantes da revolucionária escola da biomassa tropical, desvinculada de qualquer partido político.

Pinguelli Rosa é um ilustre engenheiro que tem feito críticas à política energética privatizante do governo FHC, sem no entanto propugnar pela mudança radical (radical de raiz, como queria Karl Marx) da matriz energética, ainda que tenha se declarado nacionalista e refratário à política industrial baseada no automóvel. Se porventura o PT chegar à presidência da República, ele será o ministro mentalizador da política energética.

O capitalismo mundial entrou na fase da energia cada vez mais cara e mais rara. A questão política, hoje mais do que nunca, passa pela questão energética. Crise energética significa que os combustíveis que deram sustentação ao desenvolvimento das forças produtivas do capitalismo nos últimos duzentos anos se encontram atualmente em fase terminal (caso do petróleo) ou inviabilizado ecologicamente, a exemplo do carvão mineral. Existe também a opção da energia nuclear, porém esta é uma opção perigosa e de efeitos destrutivos e apocalípticos.

O *nuclear dream* acabou quando deu chabu em Tree Miles Island e Chernobyl na década de 80, tanto que atualmente a Alemanha saltou fora do caminho nuclear, como a Suécia já havia dado o fora, na década passada. Quem se atrever a falar de energia sem falar do ocaso inevitável do petróleo e do caráter ecologicamente problemático do carvão mineral poluindo a biosfera do planeta, ou está desinformado ou é um mistificador a soldo de determinados interesses espúrios, enfim, ou é um néscio ou um canalha. É por isso que o repórter Roberto D'Ávila, em seu programa de televisão bancado pela Petrobrás, deveria fazer justiça ao seu glorioso passado brizolista convidando J.W. Bautista Vidal e o geólogo Marcelo Guimarães para serem entrevistados a respeito da energia verde de origem vegetal chamada biomassa, a energia morena de Darcy Ribeiro, o Eros energético.

Acorda, D'Ávila!

Recentemente dei um curso na Universidade Federal de Juiz de Fora sobre a importância do folclore e da obra de Luís da Câmara Cascudo para a cultura brasileira e para a jovem liderança do Movimento Sem Terra. A certa altura, quis saber o que o pessoal achava da biomassa como dispositivo de ocupação da terra. Fiquei pasmo em verificar que a liderança do Movimento Sem Terra reproduzia os mesmos argumentos equivocados do PT sobre a biomassa, a saber: favorece a monocultura, esgota o solo, menospreza a comida, ou senão a idiotice de achar que o Proálcool foi uma iniciativa para contemplar os interesses dos grandes latifundiários usineiros: o *lobby* alcooleiro. E, implícita a tudo isso, a desqualificação do Proálcool por ter sido gerado durante o governo Geisel. Lembrei-me da formulação de Pinguelli Rosa feita em 1990 e que parece ressoar até hoje na avaliação da biomassa: "Entre usineiros de álcool e a Shell, eu não fico nem com um e nem com o outro, nem um nem outro me emocionam".

Faço aqui referência a um artigo de Pinguelli Rosa publicado numa coletânea, *Desafio Amazônico: o Futuro da Civilização dos Trópicos*. Nele, o engenheiro se insurge

contra a civilização do automóvel baseada no petróleo, que é o pano de fundo através do qual — o automóvel do ABC é o contexto de onde brotará a figura de Lula — se opõe ao Proálcool: "Se o nosso problema é produzir álcool para manter o império da Autolatina, então sou contra o álcool".

Para Pinguelli Rosa, o diabo é o modelo da indústria automobilística. Ele não quer dar ao petróleo o papel de abre-te-sésamo, mas também não quer negar que exista petróleo no Brasil. A biomassa se lhe afigura uma solução longínqua e a longo prazo; trata-se de uma potencialidade que pode ou não se tornar realidade. Mas o que atormenta Pinguelli é que o álcool não altera a estrutura industrial montada em cima do automóvel. Ele chega a ponto de dizer que, por mimetismo colonial, entramos de gaiato no petróleo e na energia nuclear. Sua abordagem privilegia a hidreletricidade, sendo ele uma espécie de ideólogo da hidreletricidade no Brasil, embora faça profissão de fé em torno de um pluralismo energético pós-moderno, ou seja, uma política inteligente deveria se valer de todas as formas de energia: petróleo, carvão mineral, hidreletricidade, biomassa, eólica, onde todos os gatos são pardos.

Com essa visão ecumênica, a favor da utilização de todas as formas de energia, Pinguelli Rosa se afasta da escola da biomassa por não levar em conta a determinação dos trópicos. O que se desprende de sua abordagem de cunho relativístico é a idéia de que ele estaria de olho no presente, enquanto que os adeptos da biomassa seriam uns visionários do futuro, filiados a uma escatologia energética, ou senão profetas de um messianismo tropical.

Bobagem hoje é colocar reticências à utópica biomassa. Aliás, a palavra utopia é imprópria: utopia é ausência de lugar e o trópico, antes de qualquer coisa, é uma noção geográfica e territorial. Eu discordo de qualquer pecha de futurismo atribuída à energia da biomassa como um projeto nacional totalizante. Futurismo, não; mas felicidade — concepção botânica da felicidade, como queria Ortega y Gasset, para quem *"la vida paradisíaca es ante todo vida vegetal. Paraíso quiere decir vergel, huerto, jardín"*. Esse é o sentido vegetal da existência.

O equívoco de Pinguelli é identificar a biomassa à indústria automobilística, aliás partilhada pelo grande comandante cubano Fidel Castro, que ainda não decidiu dar a verdadeira independência ao povo cubano, pois Cuba poderia ser o grande exemplo mundial de autonomia energética dos trópicos. Infelizmente, Cuba ainda não descobriu o valor nutritivo da mandioca.

A hidreletricidade tem sua origem no sol e na abundância de água. Hidreletricidade é uma parcela limitada do esplendor energético dos trópicos. A ênfase na hidrelétrica é uma maneira de limitar a exuberância energética tropical. A hidreletricidade produz apenas energia elétrica, que é uma forma nobre de energia, mas o espectro amplo dos combustíveis não se encaixa nesse campo limitador da hidreletricidade. De resto, a hidreletricidade não resolve o grande colapso dos combustíveis fósseis nas suas formas sólidas, líquidas e gasosas. Da biomassa podem vir o plástico, a borracha e o nitrogênio.

Biomassa é volume e extensão que gera empregos, sobretudo na área rural. Uma floresta energética do tamanho de Três Marias produz o dobro de energia dessa hidrelétrica. A hidreletricidade engendra inundações. Desabriga o homem. A hidreletricidade reforça o colonialismo interno. Ela reforça a política dos "barrageiros" empreiteiros. É a transferência da energia do Xingu para São Paulo. Hidreletricidade é

irmã gêmea das megalópoles. Destarte, as grandes quedas-d'água já acabaram no Nordeste e Sudeste, restando apenas na Amazônia.

A biomassa é fonte imensa geradora de energia elétrica a partir dos produtos agrícolas energéticos. Fator essencial de preservação ecológica é o uso econômico da floresta que garante sua sobrevivência. Enfim, o reformismo fóssil não altera o *status* de país dependente e sem autonomia, enquanto que a biomassa conduz ao modelo descentralizado de população, de renda e de poder. Trata-se de uma energia essencialmente democratizadora.

O problema é que Pinguelli está cingido ao lugar-comum. Seu raciocínio está viciado na rotina da hidreletricidade *versus* energia nuclear, portanto ele não consegue identificar os trópicos como sendo o território da solução mundial dos dois grandes colapsos que ameaçam a humanidade: o dos combustíveis fósseis e o ecológico do efeito estufa.

Com esse tipo de reformismo daltônico adia-se para o futuro, ou senão sepulta-se definitivamente, a oportunidade de o povo brasileiro se realizar na história, isto é, de o país vir a ser construtor e produtor da história universal. Será que não vai aparecer em 2002 nenhum candidato a desfraldar o pendão auriverde da biomassa?